

A profissão de psicólogo no Rio Grande do Norte^{1/2}

Oswaldo H. Yamamoto

Candida M. Bezerra Dantas

Ana Ludmila Freire Costa

Alex R. de Alverga

Pablo S. Seixas

Isabel Fernandes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

O presente estudo teve por objetivo atualizar informações acerca da situação do psicólogo norte-rio-grandense, focalizando sua atenção, em especial, na atuação profissional. Um questionário contendo três conjuntos de questões (Dados Gerais, Formação Acadêmica e Atividades Profissionais) foi aplicado em 192 psicólogos (28,5% do total do Estado). Os principais resultados mostram que os psicólogos do Estado são predominantemente do sexo feminino (90%), com idade inferior a 40 anos (67,2%), formados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (71%), 55% deles com alguma formação pós-graduada. As principais atividades desempenhadas pelos psicólogos são a psicoterapia (59,9%), seguida por atividades acadêmicas diversas, seleção profissional e avaliação psicológica. Os psicólogos exercem tais atividades em clínicas psicológicas (35,9%), seguidas de unidades públicas de saúde e instituições educacionais. Dentre outros aspectos, são discutidas a marcante presença da atividade psicoterapêutica, a abrangência e a dispersão das atividades desenvolvidas e as chamadas inovações na Psicologia.

Palavras-chave: Formação e atuação do psicólogo; Psicologia no Rio Grande do Norte; Psicologia no Brasil.

Abstract

The profession of psychologist in Rio Grande do Norte

The purpose of this paper is to update data on the situation of psychologists in Rio Grande do Norte (Northeastern Brazil), and focuses especially upon their practice. A questionnaire, composed by three parts (General data, Undergraduate studies and Professional activities) was applied to 192 psychologists (28,5% of population). The main results show that; the psychologists are mostly women (90%), less than 40 years old (67,2%), studied in the Federal University of Rio Grande do Norte (71%), and 55% have graduate studies. The main activities developed are; psychotherapy (59,9%), followed by academic activities, selection of personnel and psychological evaluation. The psychologists work in clinics (35,9%), public health units and educational institutions. Among other points, some questions related to psychotherapy as a main activity, the dispersion and the range of the activities developed by psychologists and the so-called innovations in psychology are discussed.

Keywords: Psychologist's professional training and practice; Psychology in Rio Grande do Norte; Psychology in Brazil.

Dez meses após a regulamentação da profissão, tem lugar, como parte das atividades da XV Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, um simpósio com o tema "A situação atual da Psicologia no Brasil". Abordando diversos aspectos, como formação, atuação e produção de conhecimento, tais intervenções, posteriormente publicadas (Angelini & Maria, 1964/65; E. Azzi, 1964/65; R. Azzi, 1964/65; Benko, 1964/65; Leite, 1964/65), dão início a uma tradição de estudos sobre a situação profissional da Psicologia no Brasil.

Nas quatro décadas que nos separam desse momento, um considerável número de estudos focalizando diversos aspectos profissionais foi produzido, desde o paradigmático trabalho de Mello (1975), até os estudos nacionais promovidos pelo Conselho Federal de Psicologia [CFP] (1988, 1992, 1994, 2001), passando por estudos regionais de caráter geral (Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo [SPESP] & Conselho Regional de

Psicologia-6ª Região [CRP-06], 1984; CRP-06, 1995) ou sobre aspectos específicos ou áreas da profissão (Bastos, 1990; Bastos & Martins, 1989; Bettoi & Mathias, 2002; Carvalho, 1984; 1988; Carvalho & Kavano, 1982; Figueiredo, 1989; Mello, 1989; Rosemberg, 1983, 1984; Zanelli, 2002).

Os primeiros estudos sobre a profissão no Estado do Rio Grande do Norte foram conduzidos na passagem das décadas de 1980 e 1990 (Yamamoto, 1988; Yamamoto & cols., 1990). Somente no final da década de 1970 é instalado um curso de formação de psicólogos, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Conquanto na década anterior tenha sido fundado um Centro de Psicologia Aplicada, que viria a ser incorporado à estrutura da universidade federal, somente na década em que é criado o curso de Psicologia o Estado passa a contar com os serviços profissionais de primeiros psicólogos de forma contínua e permanente (Carvalho, Seixas & Yamamoto, 2002).

O estudo conduzido no final da década de 1980 (Yamamoto, 1988) registra uma realidade bastante próxima à retratada por Mello (1975) quinze anos antes na capital paulista: dos 234 psicólogos registrados no Conselho Regional de Psicologia (na ocasião, 2ª região), foram contatados 149, que se distribuíam pelas chamadas “áreas tradicionais”: 59% em clínica, 13,4% em organizacional e 8,1% em escolar.

No ano de 1997, foi realizado um segundo levantamento amplo sobre a situação da Psicologia no Rio Grande do Norte (Yamamoto, Siqueira & Oliveira, 1997), com uma amostra de 190 de um total de 448 psicólogos inscritos no Conselho Regional de Psicologia. Os principais resultados ratificam os dados nacionais (Conselho Federal de Psicologia, 1988) e locais (Yamamoto, 1988), com o marcante predomínio da área da Psicologia Clínica-Saúde (67,5%), seguida pela Psicologia do Trabalho (14,4%), Educacional (10,1%) e outras. Destaque-se, neste levantamento, os indícios de inserção dos profissionais em novos campos de atuação, à semelhança do que registrava a literatura nacional (CFP, 1992; 1994).

Um terceiro estudo sobre a situação profissional dos psicólogos no Estado foi conduzido em 2001 (Yamamoto, Câmara, Silva & Dantas, 2001). O foco da atenção foi exatamente a possível emergência de novos espaços e novas práticas de atuação. Um questionário semi-estruturado foi aplicado aos psicólogos que compareceram à eleição da Seção RN do CRP-13, em um trabalho articulado com o próprio Conselho. Na ocasião, 310 dos 631 psicólogos inscritos retornaram os questionários. Os resultados principais desse estudo confirmam a tendência apontada no estudo de 1997, de ocupação de espaços outrora considerados pouco tradicionais ao psicólogo. Todavia, a presença de novos espaços de atuação não implicou a emergência de novas práticas. Essa realidade - de reiteração de práticas convencionais nos novos locais - é ratificada por um estudo focalizando especificamente a atuação do psicólogo norte-rio-grandense nesses novos espaços de atuação (Siqueira, 2001).

Atualizando informações sobre a situação do psicólogo no Rio Grande do Norte

O presente estudo tem por objetivo atualizar informações acerca da situação do psicólogo norte-rio-grandense, focalizando a atenção na atuação desse profissional. O estudo foi conduzido com 192 psicólogos, amostra acidental resultante de um desenho censitário, correspondendo a 28,5% do total de 674 psicólogos então em situação regularizada no Conselho Regional de Psicologia, 13ª região (CRP-13). Um questionário contendo três conjuntos de informações (Dados Sócio-demográficos, Formação Acadêmica e Atividades Profissionais) foi enviado para todos os psicólogos constantes da relação oficial do CRP-13. Na correspondência que acompanhou o questionário impresso, com envelope selado para a resposta, foi informado aos respondentes que uma

versão digital seria disponibilizada, sob demanda, bastando enviar uma solicitação para um endereço eletrônico informado no documento.

Quem são os psicólogos norte-rio-grandenses?

A Tabela 1 sintetiza os dados sócio-demográficos dos psicólogos norte-rio-grandenses, considerando os atributos sexo, idade, estado civil e naturalidade.

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica dos psicólogos norte-rio-grandenses (n=192)

	n	%
<i>Sexo</i>		
Feminino	172	90,0
Masculino	20	10,0
<i>Idade</i>		
21-30	57	29,7
31-40	65	33,9
41-50	50	26,0
+ de 50	11	5,8
Não revelou	9	4,6
<i>Estado Civil</i>		
Solteiro	78	40,7
Casado	91	47,3
Outros	23	12,0
<i>Naturalidade</i>		
Natal	76	39,6
Interior	53	27,6
Outros	63	32,8

Os dados sobre sexo reiteram a tese de que a Psicologia é, efetivamente, uma profissão essencialmente feminina. Confirmando a situação relatada em estudos anteriores (Castro & Yamamoto, 1998; Mello, 1975; Rosas, Rosas & Xavier, 1988; Rosemberg, 1983, 1984; SPESP & CRP-06, 1984; Yamamoto & cols., 1997), 90% dos respondentes são do sexo feminino.

Os psicólogos norte-rio-grandenses podem, também, ser considerados jovens. Conquanto não se repita a situação de 75% dos profissionais registrando idade inferior a 40 anos (Yamamoto & cols., 1997), ainda é expressivo o índice de 63,6% dos psicólogos nessa faixa. Contudo, observa-se um aumento para 31,8% dos profissionais que têm entre 40 e 50 anos de idade, fato esperado considerando-se o crescimento do contingente de profissionais egressos da UFRN a partir do início da década de 1980.

Com relação ao estado civil, 47,3% dos psicólogos são casados, 40,7% solteiros e 12% em outras situações, também confirmando estudos anteriores (Rosas & cols., 1988; Yamamoto & cols., 1997). Com relação à naturalidade dos psicólogos, 67,2% nasceu no Estado e, desses, 39,6% são da capital e 27,6% dos outros municípios do Estado.

A Tabela 2 apresenta os dados referentes à formação acadêmica dos psicólogos do Estado.

Tabela 2 - Formação acadêmica do psicólogo do Estado do Rio Grande do Norte (n=192).

	n	%
<i>Agência formadora</i>		
UFRN	135	71,0
Outras universidades	57	29,0
<i>Ano de conclusão</i>		
Antes de 1975	5	3,0
1976-1980	12	6,0
1981-1985	44	23,0
1986-1990	24	13,0
1991-1995	42	22,0
Depois de 1996	65	33,0
<i>Área de estágio curricular</i>		
Clínica	119	55,0
Organizacional	47	20,0
Escolar	31	14,0
Hospitalar	13	7,0
Saúde pública	4	2,0
Social	2	1,0
Resposta inadequada	2	1,0
<i>Formação complementar*</i>		
Especialização	115	39,0
Formação clínica	41	14,0
Mestrado	42	14,2
Doutorado	11	3,7
Outras modalidades	26	8,8
Nenhum	60	20,3

(*) Respostas múltiplas admitidas.

Convém destacar o fato de que a Universidade Federal do Rio Grande do Norte ainda era a única agência, no momento da realização do estudo, a ter graduado psicólogos. É ela, pois, a responsável pela formação básica de 71% dos profissionais que participaram do estudo. Registre-se que apenas 9% dos que responderam terminaram seus estudos antes de 1980. Aqueles que tiveram sua graduação durante a década de 80 (1981-1990) correspondem a 36% dos casos e a maioria (55%) obteve o grau de psicólogo depois de 1996.

No que diz respeito ao estágio curricular obrigatório, observa-se uma predominância das escolhas pela área clínica, embora com tendência decrescente: 55% contra 66,7% registrados em 1997 (Yamamoto & cols., 1997). Há, ainda, decréscimo nas escolhas pela Psicologia Social e Comunitária, passando de 4,7% em 1997 para 3%. Quanto às demais, observa-se um incremento nas escolhas: a Psicologia Escolar, passando de 6,9% para 14%, a Psicologia Organizacional de 12,2% para 20% e a Psicologia Hospitalar, de 4,7% para 7%.

A busca por formação complementar é informada por 69% dos 192 pesquisados. O contingente de 31% sem estudo algum após a graduação é substancialmente maior que os 17,5% dos psicólogos que não tinham formação complementar no estudo de 1997. Dentre os 132 psicólogos que buscaram formação após a graduação, 14% podem ser caracterizados como formação clínica, 39% como especialização, 17,9% como de caráter acadêmico

(mestrado e doutorado) e 8,8% como outras modalidades.

Desse quadro geral, podemos tirar algumas conclusões ao comparar com o estudo de 1997 (Yamamoto & cols., 1997). A queda na procura por formação clínica (em 1997, era 25,2%) parece estar dando lugar à busca por cursos de especialização (em 1997, era 35,5%), hoje freqüentemente oferecidos, com a vantagem de serem de menor duração. O outro ponto a se destacar é o aumento substancial por estudos de pós-graduação *stricto sensu*, passando de um percentual de 8,1% em 1997 para 17,9% neste levantamento.

O que fazem os psicólogos norte-rio-grandenses?

Já foi destacada na literatura a dificuldade em definir, com precisão, o que seria “área de atuação”. Tal dificuldade remonta aos primeiros estudos produzidos; um exemplo é a discussão de Azzi, já em 1964-65, sobre os significados do adjetivo “clínico” aposto a Psicologia. Mello (1975), ao produzir a sua análise sobre a incipiente situação da Psicologia em São Paulo na passagem das décadas de 1960-1970, emprega a classificação “Ensino”, “Psicologia Clínica”, “Psicologia Escolar” e “Psicologia Industrial”, para facilitar a análise, embora reconheça que ela seja excessivamente simplificadora dos dados.

Bastos (1988) também utiliza uma taxionomia semelhante, justificada como as “áreas mais conhecidas” (p. 170) – Clínica, Escolar, Organizacional, Docência, Pesquisa, Comunitária e Outras –, mas discute as questões envolvidas nessas classificações, sobretudo, no que respeita aos critérios definidores. “Área” diz respeito a local, objetivos do trabalho, tipo de problemas com os quais lida, vínculo empregatício, tipo de relação com o cliente, alvos da interpretação, procedimentos?

De forma a evitar tais problemas, adotou-se uma estratégia já encetada no estudo mencionado de 2001 (Yamamoto & cols., 2001), de abordar a atuação profissional estabelecendo a relação entre os locais de trabalho e as atividades desempenhadas.

Definir atividades também não se constitui em tarefa de fácil execução, conforme assinala Carvalho (1984). Embora correndo o risco de alguma imprecisão na classificação, optamos por partir de duas relações, o rol de 47 atividades produzidas em um estudo nacional conduzido por Carvalho (1988) e a adaptação realizada no estudo conduzido pela equipe no Estado em 2001 (Yamamoto & cols., 2001) contendo 32 itens, para categorizar as respostas dos psicólogos.

A Tabela 3 apresenta a distribuição das atividades hierarquizadas pela freqüência das respostas.

Tabela 3 - Hierarquização das atividades desenvolvidas pelos psicólogos do Estado do Rio Grande do Norte segundo a freqüência de citações

%	Atividade
+ de 50%	Psicoterapia
41-50%	Nenhuma
31-40%	Nenhuma
21-30%	Atividades acadêmicas (diversas) Seleção profissional Avaliação psicológica

11-20%	Treinamento, capacitação e desenvolvimento de pessoal Orientação de pais/familiares Ações informativas
até 10%	Atendimento em instituições hospitalares Aconselhamento psicológico Desenvolvimento organizacional Acompanhamento/orientação de funcionários Atendimentos em grupo Avaliação de desempenho Orientação psicopedagógica Planejamento e execução de projetos Entrevistas Dinâmica de grupo Orientação a professores Atuação junto a equipe multiprofissional Acompanhamento de alunos Orientação vocacional Supervisões (diversas) Gerência de serviço público Assessoria técnica Atividades administrativas e de coordenação Plano de cargos e salários Orientação sexual Reabilitação (diversas modalidades) Atendimento domiciliar Assistência em Saúde Mental Acompanhamento de jovens voluntários Outras

(*) Respostas múltiplas admitidas.

Ratificando estudos anteriores, a atividade psicoterápica destaca-se como aquela que é exercida pela maior parte dos psicólogos norte-rio-grandenses, com 59,9% de citações – e a única a ser referida por mais da metade dos profissionais. As três atividades seguintes apresentam uma frequência bastante inferior, com menos de 30% de citações. Destas, a mais frequente, com 24,5% de citações, rigorosamente não pode ser considerada uma atividade profissional do psicólogo, embora inquestionavelmente conexa: as diversas modalidades de ações exercidas no âmbito acadêmico – de ensino e de pesquisa. Mais três atividades figuram na faixa de 10 a 20% de citações, e as demais 25 referidas por menos de 10% dos profissionais.

Esses dados indicam, por um lado, uma dispersão semelhante à observada no estudo de Carvalho (1988), considerando a vinculação profissional na época da coleta dos dados. Naquele estudo, a Terapia Individual e a Aplicação de Testes figuravam nas respostas de mais de 40% dos psicólogos, enquanto que Psicodiagnóstico, Orientação de Pais e Aconselhamento Psicológicos entre 20 e 30%. As demais 40 atividades eram exercidas por menos de 20% dos profissionais.

Por outro, mostram o peso da atividade psicoterápica, a única exercida por mais da metade dos psicólogos que responderam ao questionário.

Considerando a expansão do campo de atuação profissional do psicólogo, a dispersão pode ser um efeito esperado. Contudo, a presença expressiva da Psicoterapia pode indicar, de um lado, a inserção tradicional do psicólogo exercendo suas atividades em consultórios particulares ou, por outro, uma extensão da atividade mais tradicional da Psicologia para os novos espaços de atuação. Para uma primeira aproximação de resposta à questão, a Tabela 4

apresenta os dados referentes aos locais de atuação do psicólogo norte-rio-grandense.

Tabela 4 - Locais de atuação do psicólogo do Estado do Rio Grande do Norte*

Locais	n	%
Clínicas Psicológicas	69	35,9
Unidades de Saúde Pública	36	18,8
Instituições de Ensino Superior	35	18,2
Instituições Educacionais	31	16,1
Demais órgãos públicos	23	12,0
Hospitais	20	10,4
Empresas/Organizações	13	6,8
Escritórios/Empresas de Consultoria	8	4,2
ONGs	8	4,2
Outros	6	3,1

(*) Respostas múltiplas admitidas.

Os dados da Tabela 4 mostram que a atividade exercida em consultórios e clínicas psicológicas aparece em um esperado primeiro lugar, suposição possível a partir do grande número de citações da atividade psicoterápica. Todavia, o índice de 35,9% está longe de explicar os quase 60% de psicólogos exercendo a Psicoterapia, o que nos faz supor que os dados do presente estudo confirmam aqueles de 2001, que constatava a forte presença da Psicoterapia em diversos espaços profissionais.

É interessante observar que o psicólogo vem ocupando espaço no setor público. Se agregarmos os dados do campo da Saúde Pública com os dos demais Órgãos Públicos, mais de 30% dos profissionais estarão vinculados a esse setor. Observe-se que a coleta não discriminou a natureza jurídica da instituição, o que significa que, além desses, alguns dos outros locais (como, por exemplo, as IES e alguns hospitais) podem também ser vinculados ao setor público. Esses dados corroboram a tendência já apontada na literatura acerca da presença progressivamente expressiva do profissional de Psicologia no setor público (CFP, 2001).

Um outro dado digno de registro é a crescente presença do psicólogo no setor saúde. Novamente, agregando-se os dados do campo da Saúde Pública com os dos Hospitais, teremos aproximadamente 30% dos psicólogos norte-rio-grandenses envolvidos nesse setor.

Finalmente, a Tabela 5 apresenta os dados resultantes do cruzamento das atividades exercidas por um mínimo de 20% dos psicólogos com os locais de atuação.

A primeira constatação diz respeito à suposição que fizemos anteriormente, quanto ao local em que as atividades psicoterápicas são realizadas. A Tabela 5 mostra que a Clínica Psicológica, efetivamente, figura no rol de locais em que tal atividade é exercida (74 ocorrências). No entanto, a Psicoterapia é realizada em locais os mais diversos, desde a já constatada atividade em Unidades de Saúde e Hospitais (Yamamoto & Cunha, 1998; Yamamoto & cols., 2001; Yamamoto, Trindade & Oliveira, 2002), até em Instituições Educacionais, reeditando a chamada

vertente educacional clínica nessas instituições. O exercício da Psicoterapia nas IES pode ter uma outra explicação, contudo: solicitado a informar o local de atuação, é possível que o psicólogo tenha prestado a informação sobre a instituição de vínculo (UFRN) e não a unidade (Serviço de Psicologia Aplicada).

Tabela 5 - Locais em que são desenvolvidas atividades referidas por um mínimo de 20% dos psicólogos norte-rio-grandenses

Atividade	Local
Psicoterapia	- Clínicas psicológicas
	- Unidades de Saúde Pública
	- Hospitais
	- Instituições Educacionais
	- ONGs
	- Instituições de Ensino Superior
	- Outros (Comando do 3º Distrito Naval)
	- Outros (Cooperativa dos Psicólogos do RN - COOPSI)
	- Outros (Igreja Presbiteriana de Natal)
	- Outros (Vara da Infância e da Juventude)
Atividades acadêmicas (diversas)	- Instituições de Ensino Superior
	- Instituições Educacionais
	- Clínicas psicológicas
	- Empresas/organizações
Seleção profissional	- Empresas/organizações
	- Escritórios/empresas de Consultoria
	- Hospitais
	- Demais órgãos públicos
	- Instituições de Ensino Superior
	- Clínicas psicológicas
Avaliação psicológica	- Clínicas psicológicas
	- Demais órgãos públicos
	- Escritórios/empresas de Consultoria
	- Hospitais
	- ONGs
	- Unidades de Saúde Pública
	- Empresas/organizações
- Instituições Educacionais	
Treinamento, capacitação e desenvolvimento de pessoal	- Outros (Vara da Infância e da Juventude)
	- Empresas/organizações
	- Escritórios/empresas de Consultoria
	- Demais órgãos públicos
	- Hospitais
	- Instituições de Ensino Superior
	- Unidades de Saúde Pública
	- Instituições Educacionais
	- Clínicas psicológicas
	- Instituições Educacionais
Orientação de pais/familiares	- Clínicas psicológicas
	- Hospitais
	- Unidades de Saúde Pública
	- ONGs
	- Demais órgãos públicos
	- Outros (Comando do 3º Distrito Naval)
Ações informativas	- Unidades de Saúde Pública
	- Instituições Educacionais
	- Hospitais
	- Clínicas psicológicas
	- Instituições de Ensino Superior
	- Outros (Comando do 3º Distrito Naval)
- Outros (Vara da Infância e da Juventude)	

Não será o caso de prosseguirmos analisando as relações entre atividades e locais em detalhes. O que nos parece importante destacar é que *não parece haver* uma correspondência entre atividades e locais, isto é, que as mais diversas atividades são realizadas, de forma relativamente indiscriminada, nos mais diferentes locais. Tal constatação reforça a idéia de que as classificações da atuação profissional do psicólogo por áreas estanques constitui-se em uma tarefa tão difícil quanto, possivelmente, inútil, a não ser para estabelecer tendências muito gerais e imprecisas.

Finalmente, quanto às tendências destacadas anteriormente de inserção do psicólogo norte-rio-grandense em novos espaços de atuação, com ou sem o desenvolvimento de inovações nas suas atividades, os dados corroboram as constatações prévias. De fato, a julgar pelos dados obtidos, os psicólogos do Estado têm ocupado espaços nos quais anos antes se encontravam ausentes – como são, por exemplo, os casos de Distritos Navais, Varas de Infância e Adolescência e Organizações Não-governamentais. Todavia, nesses locais, as atividades relatadas são as que usualmente o psicólogo exerce nos locais convencionais, não se configurando o que se convencionou denominar de “práticas emergentes”.

A situação da profissão no Rio Grande do Norte: algumas questões para discussão

Nos estudos conduzidos ao longo destes anos sobre a realidade da profissão no Estado, temos observado, com uma defasagem temporal, a mesma configuração e as mesmas tendências nacionais se repetirem. Assim é com relação à distribuição dos psicólogos norte-rio-grandenses pelas áreas da Psicologia nos estudos que se estruturavam nesses moldes (Yamamoto, 1988; Yamamoto & cols., 1997), comparativamente aos dados nacionais (CFP, 1988; 2001), como com relação às duas das tendências que a literatura tem registrado (CFP, 1992; 1994; 2001): a abertura de novos espaços de atuação e a inserção do psicólogo no setor público (Yamamoto & cols., 1997).

É certo que um mapeamento como o aqui conduzido com o intuito de atualizar dados gerais da profissão, pela própria natureza da investigação, deixa escassa margem para ilações acerca das determinações dos quadros delineados. Contudo, algumas questões podem ser levantadas, como hipóteses para futuras investigações.

Uma delas diz respeito à forma de ocupação do espaço público, sobretudo, no setor saúde. Estudos têm demonstrado a possibilidade de atuação diferenciada com relação aos modelos tradicionais (LoBianco, Bastos, Nunes & Silva, 1994), e discussões acerca da necessidade de uma formação compatível tem sido apontada pelos estudiosos (Boarini, 1996; Silva, 1992; Spink, 1992). Todavia, os dados norte-rio-grandenses sobre a prática dos psicólogos no campo da saúde não têm acompanhado os esforços por inovações que busquem uma sintonia com as exigências postas pelo setor público, fato que se anuncia nos dados do presente trabalho e que encontram ressonância em estudos anteriores (ver, por exemplo, Yamamoto & cols., 2002, sobre o trabalho nos hospitais, ou Dantas & cols., 2002, sobre o trabalho na rede básica).

Essa questão vincula-se a outra, a da real ampliação dos espaços de atuação, também nem sempre acompanhada de inovações com relação às práticas. Na década de 1980, Campos (1983) discutia o deslocamento dos psicólogos para as classes subalternas, prevendo dificuldades com relação ao que denominava insuficiência dos modelos teóricos-técnicos tradicionais para fazer frente à nova realidade em construção. De fato, a julgar pelas atividades desenvolvidas pelos psicólogos em locais como Varas

de Infância, Distritos Navais e Organizações Não-governamentais diversas, rigorosamente as mesmas que as praticadas nos espaços tradicionais, a questão permanece como um desafio.

Esses dois aspectos são cruciais: de um lado, a ampliação dos espaços de atuação com uma inserção significativa no setor público, com uma real abertura da profissão para segmentos da sociedade que antes não tinham acesso, pode estar sendo feita de forma a propiciar um atendimento desqualificado. A ilusão de atendimento, tema constante nos estudos sobre as políticas sociais, constitui-se em uma das faces perversas das formas de intervenção do Estado brasileiro nesse setor ao longo da história (ver, por exemplo, estudos como os de Abranches, 1985; Covre, 1980; Soares, 2001).

Por outro lado, este movimento para o setor público, associado à abertura de espaços não-convencionais, com a reiteração de práticas tradicionais, sem a devida análise de sua compatibilidade às novas demandas, pode estar promovendo uma mudança apenas superficial, sem que questões de fundo tenham sido objeto de consideração (Yamamoto, 2000).

Mello (1975), ao examinar a incipiente Psicologia em São Paulo – de resto, não muito distante do que era a Psicologia no Brasil, afirmava que ela deveria ser mais do que “uma atividade de luxo” (p. 109); como uma autêntica ciência, e não “uma técnica para solucionar problemas íntimos dos privilegiados” (p. 113), a Psicologia deveria buscar uma inserção social mais significativa para um contingente maior da população.

A julgar pela seqüência de estudos conduzidos ao longo destes 25 anos (e considerando os limites do presente trabalho), a questão enunciada por Mello continua bastante atual com relação à situação da Psicologia no Estado do Rio Grande do Norte: ao mesmo tempo em que mostra o vigor de uma profissão em processo de consolidação, apresenta os problemas que ainda estão longe de encontrar um equacionamento satisfatório.

REFERÊNCIAS

- Abranches, S. H. (1985). *Os despossuídos: Crescimento e pobreza no país do milagre* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Angelini, A. L. & Maria, C. (1964/1965). Contribuição para a formação básica do psicólogo. *Boletim de Psicologia*, XVI/XVIII (47-50), 41-45.
- Azzi, E. (1964/1965). A situação atual de profissão de psicólogo no Brasil. *Boletim de Psicologia*, XVI/XVIII (47-50), 47-61.
- Azzi, R. (1964/1965). Situação atual da pesquisa psicológica no Brasil. *Boletim de Psicologia*, XVI/XVIII (47-50), 63-66.
- Bastos, A. V. B. (1988). Áreas de atuação: Em questão o nosso modelo de profissional. Em Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Quem é o psicólogo brasileiro?* (pp. 163-193). São Paulo: Edicon.
- Bastos, A. V. B. (1990). Mercado de trabalho: Uma velha questão e novos dados. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 10(1, 2, 3), 28-39.

- Bastos, A. V. B., & Martins, A. H. C. G. (1989). O que faz o psicólogo organizacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(3), 10-18.
- Benko, A. (1964/1965). Formação profissional do psicólogo. *Boletim de Psicologia*, XVII/XVIII (47-50), 75-89.
- Bettoi, W. & Mathias, L. S. (2002). Entrevistas com profissionais como atividade de ensino-aprendizagem desejável na formação do psicólogo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3), 613-624.
- Boarini, M. L. (1996). A formação (necessária) do psicólogo para atuar na saúde pública. *Psicologia em Estudo*, 1, 93-132.
- Campos, R. H. F. (1983). A função social do psicólogo. *Educação & Sociedade*, 16, 74-84.
- Carvalho, A. M. A. (1984). "Atuação psicológica": Alguns elementos para uma reflexão sobre os rumos da profissão e da formação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 4(2), 7-9.
- Carvalho, A. M. A. (1988). Atuação psicológica: Uma análise das atividades desempenhadas pelos psicólogos. Em Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Quem é o psicólogo brasileiro?* (pp. 217-235). São Paulo: Edicon.
- Carvalho, A. M. A. & Kavano, E. A. (1982). Justificativas de opção por área de trabalho em Psicologia: Uma análise da imagem da profissão em psicólogo recém-formados. *Psicologia*, 8, 1-18.
- Carvalho, D. B.; Seixas, P. S. & Yamamoto, O. H. (2002). Modernização urbana e a consolidação da Psicologia em Natal - Rio Grande do Norte. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 131-141.
- Castro, A. E. F. & Yamamoto, O. H., (1998). A Psicologia como profissão feminina: Apontamentos para estudo. *Estudos de Psicologia*, 3(1), 147-158.
- Conselho Federal de Psicologia. (Org.). (1988). *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo: Edicon.
- Conselho Federal de Psicologia. (Org.). (1992). *Psicólogo brasileiro: Construção de novos espaços*. Campinas: Átomo.
- Conselho Federal de Psicologia. (Org.). (1994). *Psicólogo brasileiro: Práticas emergentes e desafios para a profissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Conselho Federal de Psicologia (2001). *Pesquisa feita junto aos associados do Conselho Federal de Psicologia – Relatório final*. Relatório on-line. Obtido em 27 de julho de 2002, de http://www.pol.org.br/arquivos_pdf/relatorio_who.doc.
- Conselho Regional de Psicologia, 6a. Região. (1995). *Psicologia: Formação, atuação profissional e mercado de trabalho (Estatísticas 1995)*. São Paulo: Autor.
- Covre, M. L. M. (1980). *A cidadania que não temos*. São Paulo: Brasiliense.
- Dantas, C. M. B.; Alverga, A. R.; Costa, A. L. F.; Carvalho, D. B.; Oliveira, I. F. de & Yamamoto, O. H. (2002, setembro). *A formação atual e necessária: Avaliação dos psicólogos da rede pública de Natal-RN*. Pôster apresentado no I Congresso Brasileiro: Ciência e Profissão, São Paulo, SP.
- Figueiredo, M. A. C. (1989). *O trabalho alienado e o psicólogo do trabalho: Algumas questões sobre o papel do psicólogo no controle da produção capitalista*. São Paulo: Edicon.
- Leite, D. M. (1964/1965). Código de Ética do psicólogo. *Boletim de Psicologia*, XVI/XVIII (47-50), 67-74.
- LoBianco, A. C.; Bastos, A. V. B.; Nunes, M. L. T. & Silva, R. C. (1994). Concepções e atividades emergentes na psicologia clínica: Implicações para a formação. Em Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Psicólogo brasileiro: Práticas emergentes e desafios para a formação* (pp. 7-79). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mello, S. L. (1975). *Psicologia e profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática.
- Mello, S. L. (1989). Currículo: Quais mudanças ocorreram desde 1962? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(1), 16-18.
- Rosas, P.; Rosas, A. & Xavier, I. B. (1988). Quantos e quem somos. Em Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Quem é o psicólogo brasileiro?* (pp. 32-48). São Paulo: Edicon.
- Rosemberg, F. (1983). Psicologia, profissão feminina. *Cadernos de Pesquisa*, 47, 32-37.
- Rosemberg, F. (1984). Afinal, por que somos tantas psicólogas? *Psicologia, Ciência e Profissão*, 1, 6-12.
- Silva, R. C. (1992). A formação em Psicologia para o trabalho na saúde pública. Em F. C. B. Campos (Org.), *Psicologia e saúde: Repensando práticas* (pp.25-40). São Paulo: Hucitec.
- Sindicato dos Psicólogos no Estado de São Paulo/Conselho Regional de Psicologia-6a. Região. (1984). *O perfil do psicólogo no Estado de São Paulo*. São Paulo: Cortez.
- Siqueira, G. S. (2001). *Novos espaços e novas atividades na Psicologia do Rio Grande do Norte: Relação de fato ou relação em perspectiva?* Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Soares, L. T. R. (2001). *Ajuste neoliberal e desajuste social na América Latina*. Petrópolis: Vozes.
- Spink, M. J. (1992). Psicologia da saúde: A estruturação de um novo campo de saber. Em F. C. B. Campos (Org.), *Psicologia e saúde: Repensando práticas* (pp.11-27). São Paulo: Hucitec.
- Yamamoto, O. H. (1988). Apontamentos para um estudo da psicologia em Natal: Áreas de atuação e seus determinantes. *Revista de Psicologia*, 1, 3-13.
- Yamamoto, O. H. (2000). A psicologia em movimento: Entre o "gattopardismo" e o neoliberalismo. *Psicologia & Sociedade*, 12 (1/2), 221-233.
- Yamamoto, O. H.; Câmara, R. A.; Silva, F. L. & Dantas, C. M. B. (2001). Espaços, práticas: O que há de novo na Psicologia do Rio Grande do Norte? *Psicologia em Estudo*, 6(1), 65-72.
- Yamamoto, O. H. & Cunha, I. M. F. F. de O. (1998). O psicólogo em hospitais de Natal: Uma caracterização preliminar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 345-362.
- Yamamoto, O. H.; Siqueira, G. S. & Oliveira, S. C. C. (1997). A psicologia no Rio Grande do Norte: Caracterização geral da formação acadêmica e do exercício profissional. *Estudos de Psicologia*, 2(1), 42-67.
- Yamamoto, O. H.; Souza, I. M. S.; Oliveira, I. A.; Silva, L. N. M.; Freire, M. A. A.; Rocha, R. M. & Alves Filho, S. (1990). A psicologia escolar em Natal: Características e perspectivas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2/3/4, 40-49.
- Yamamoto, O. H.; Trindade, L. C. B. O. & Oliveira, I. F. (2002). O psicólogo em hospitais no Rio Grande do Norte. *Psicologia USP*, 13(1), 217-246.
- Zanelli, J. C. (2002). *O psicólogo nas organizações de trabalho*. Porto Alegre: Artmed.

Recebido: 05.10.2003

Revisado: 18.11.2003

Aceito: 25.11.20/03

Notas:

¹ Apoio financeiro: CNPq, processo 350602/1997-2.

² Colaboração: Danielle C. A. Andrade, Fabiana L. Silva e Luciana B. Souza.

Sobre os autores:

Oswaldo H. Yamamoto é professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; doutor em Educação pela Universidade de São Paulo; bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Endereço para correspondência: Av. Estrela do Mar, 2267, 59090-400, Natal, RN. E-mail: ohy@uol.com.br

Candida M. Bezerra Dantas e **Ana Ludmila Freire Costa** são estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; bolsistas de Iniciação Científica do CNPq.

Alex R. de Alverga é mestrando do Programa de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; bolsista do CNPq.

Pablo S. Seixas é psicólogo, bolsista de Iniciação Científica do CNPq no período da realização do estudo.

Isabel Fernandes de Oliveira é professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; doutoranda do Programa de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo; bolsista CAPES.